



INSTITUTO DE HUMANIDADES
BACHARELADO INTERDICCIPLINAR EM HUMANIDADES

FRANCISCO DANIERBES DE SOUSA SANTOS

**TEORIA QUEER: UM ESTUDO DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA
EMEIEF PARQUE PIRATININGA.**

Redenção

2019

**INSTITUTO DE HUMANIDADES
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM HUMANIDADES**

FRANCISCO DANIERBES DE SOUSA SANTOS

**TEORIA QUEER: UM ESTUDO DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA
EMEIEF PARQUE PIRATININGA.**

Trabalho de Conclusão do Curso Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, em formato de Projeto de Pesquisa, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Humanidades, sob a orientação da Prof. Dra. Joalice Conceição.

**REDENÇÃO, CE
2019**

**TEORIA QUEER: UM ESTUDO DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA EMEIEF
PARQUE PIRATININGA.**

FRANCISCO DANIERBES DE SOUSA SANTOS

Trabalho de Conclusão do Curso Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, em formato de Projeto de Pesquisa, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Humanidades, sob a orientação da Prof. Dr^a. Joalice Santos Conceição.

Aprovado em: ____ de ____ de 2019.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora e Presidente: Prof. Dra. Joalice Conceição:
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro Brasileira (UNILAB)

Examinador Interno: Prof^a. Dr^a. Rosângela Ribeiro da Silva
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro Brasileira (UNILAB)

Examinador Externo: Mestrando Júlio Cezar Pereira Araújo (UERJ)

AGRADECIMENTOS

Os agradecimentos são destinados a Deus, a base e o suporte que propiciou a construção desta etapa da vida, um ciclo que se apresenta com continuidade a partir de toda experiência colhida, pois, a fé que tenho em ti alimentou meu foco, minha força e meus caminhos.

Aos meus pais, avós, tia e irmão que sempre batalharam muito para me oferecer uma educação de qualidade e sempre fizeram entender que o futuro é feito a partir da constante dedicação no presente.

Ao meu companheiro e amigos, que ao longo dessa etapa transferiram-me não só em força, mas em apoio para vencer essa jornada da vida acadêmica. Obrigado, meus amores, por suportar as crises de estresse e minha ausência em diversos momentos.

À orientadora Professora Dr^a. Joalice Santos Conceição por ter me recebido e desbravado o desafio. A vida é um caminho de constantes batalhas, e fixei nessa fase de pesquisa que devemos sempre seguir em frente. Sua peculiaridade de tranquilizadora foi primordial para avançar nos objetivos almejados.

Ao AZÂNIA/CNPq “*Grupo de Estudos e Pesquisas em Cultura, Gêneros, Sexualidades, Religião, Performances e Educação*” pelo auxílio no desenvolvimento da pesquisa.

A todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado.

RESUMO

O presente trabalho visa identificar práticas pedagógicas que corroboram com os estereótipos de gêneros, de modo a excluir os corpos que estão fora dos padrões binários na escola EMEIEF Parque Piratininga em Maracanaú-CE, região metropolitana de Fortaleza. Intenta ainda compreender até que ponto os discursos preconceituosos e reproduzidos pelos professores em sala de aula impactam no comportamento dos discentes. Através de uma pesquisa bibliográfica em livros e outras publicações periódicas buscamos refletir sobre teoria queer e educação a partir dos escritos de Guacira Lopes Louro (1997; 2000; 2008), Richard Miskolci (2009; 2012), Alfrancio Dias (2017), Conceição; Calixto (2018) dialogando com alguns artigos escolhidos relacionados à temática. O método utilizado será qualitativo, com grupo focal como técnica de pesquisa. A partir da análise de dados buscaremos perceber se há práticas que impossibilitam a igualdade entre os sexos ou se elas promovem uma educação heterossexista, evidenciando assim as desigualdade entre as pessoas que circulam no ambiente escolar

Palavras-chave: Educação. Teoria Queer. Estereótipos. Práticas Pedagógicas.

SUMÁRIO

1. Introdução.....	7
2. Problematização.....	9
3. Objetivos	9
3.1 Objetivo Geral	10
3.2 Objetivos Específicos	10
4. Hipótese.....	10
5. Justificativa.....	11
6. Fundamentação Teórica	13
6.1 Estereótipos de Gêneros	14
6.2 Homofobia e Educação	15
6.3 Teoria Queer e Prática Docente	17
7. Metodologia	18
7.1 Local da Pesquisa	19
7.2 Participantes e Critérios	20
8. Cronograma.....	20
9. Considerações Parciais	21
10. Referências Bibliográficas	22

1. Introdução

A Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental I Parque Piratininga (Escola Pública Municipal), situada no bairro Parque Piratininga, localizada no município de Maracanaú-CE, foi onde estudei desde o infantil I, ao infantil V. Nesta época havia uma reprodução de atividades realizadas dentro do ambiente escolar que impossibilitava a igualdade entre os sexos, presentes desde o uniforme escolar até às brincadeiras educativas. O maior desafio era sobreviver a esse sistema normativo de ensino, visto que se tratava de um espaço construído para meu corpo não permanecer ali, pois, o mesmo negava esses espaços aos corpos que se encontravam fora do padrão heteronormativo¹, além de não levá-los em conta, pois, éramos cobrados a todo o momento a seguir um currículo. Ao mesmo tempo era rejeitada a forma como nos apresentávamos.

Durante toda minha trajetória escolar, tive que seguir de forma rígida certos modelos sociais, no que diz respeito à sexualidade, vivenciando a negação dos colegas, por optar brincar com boneca e não com bola. Tudo isso me causava estranhamento por ser a escola – um local que deveria abraçar as diferenças, porém, para mim era um dos ambientes mais opressivos que existia. Devido ao descumprimento das regras socialmente impostas sobre as concepções do que é ser homem e/ou mulher. Isto é, querer brincar com boneca, fui alvo de piadas, que incluíam risadas, me chamavam de “viadinho”, além de, ser repreendido pela própria instituição, sendo que as advertências partiam com mais frequência da professora que justificava a prática de tais advertências alegando que eu não fazia as atividades, seguindo o modelo que todo menino deveria seguir.

A escola, de modo geral, é vista como um local de promoção de igualdade, integração e inclusão, entretanto, em certa medida, ocorre-se o inverso, já que tais práticas presentes em nosso meio social atravessam os muros escolares, tornando-se ainda mais perverso, reproduzindo desigualdade e exclusão, sobretudo no que tange aos corpos que desafiam as normas dos papéis masculinos e femininos, desse modo, configurando um espaço de regras, no qual cobra-se que a todo o momento os indivíduos sigam um padrão sexual normativo, tornando-se de fato um ambiente opressivo e homofóbico. (CONCEIÇÃO, 2017, p.3).

A partir do exposto, o presente estudo tem por objetivo geral identificar práticas pedagógicas que corroboram com os estereótipos de gêneros, de modo a excluir os corpos que

¹ A heteronormatividade é um conjunto de prescrições que fundamenta processos sociais de regulação e controle, até mesmo aqueles que não se relacionam com pessoas do sexo oposto. MISKOLCI, Richard (2009).

estão fora dos padrões binários². Além do objetivo mencionado, buscamos compreender até que ponto os discursos preconceituosos e reproduzidos pelos professores em sala de aula impactam no comportamento dos discentes. O local para realização da pesquisa será a escola EMEIEF Parque Piratininga, no município de Maracanaú, CE.

O projeto lança um olhar para um pequeno recorte, que é o ambiente escolar, tendo em vista a necessidade de se adotar um currículo comprometido com mais equidade e justiça social, ainda por cima, que trate as diferenças como um fundamento principal e uma educação livre de rótulos, contemplando aqueles que se encontram fora do padrão heteronormativo. (CONCEIÇÃO, 2017). Ao mesmo tempo em que lança o olhar para os corpos fora dos padrões vigentes, pensa-se nos corpos desviantes³ que circulam na escola, questionando e desafiando modelos sociais dominantes dentro desses espaços. De acordo com DIAS & MENEZES (2017) faz-se necessário questionar a escola que nos fazemos presentes, tendo em vista os grandes problemas dos indivíduos que perpassam pela unidade escolar a todo o tempo.

Visando à obtenção dos resultados, a pesquisa será de abordagem qualitativa, tendo o grupo focal como técnica utilizada para obter dados. Será realizado um grupo focal com seis professoras (e), homens e mulheres na escola pública EMEIEF Parque Piratininga, na cidade de Maracanaú, localizada na região metropolitana de Fortaleza, Estado do Ceará, no ano de 2019. A utilização desse método e técnica se justifica por ser mais adequado ao grupo focal, portanto, um método essencial para a realização da pesquisa.

A estrutura do projeto de pesquisa é composta a partir das seguintes seções: introdução, objetivos, problematização, hipóteses justificativa, metodologia, cronograma, considerações e referências bibliográficas. Para fundamentar teoricamente buscaremos refletir sobre teoria queer e educação a partir dos escritos de Guacira Lopes Louro (1997; 2000; 2008), trazendo *“Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista”*; *“O Corpo Educado: pedagogias da sexualidade”*; *“Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e a teoria Queer”* e Richard Miskolci (2009; 2012), com a *“A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma análise da normalização”*; *“Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças”*, Berenice Alves de Melo Bento (2008) em *“O que é transexualidade”*, Conceição; Calixto (2017) com a obra *Corpos e Mentes Discentes: Prática Educacional, Sexualidades e Crença Religiosa*, dialogando com alguns artigos escolhidos relacionados à temática, por fim, os resultados.

² O termo diz respeito a divisão que a sociedade faz das pessoas entre homem e mulher, masculino e feminino.

³ O termo corpos desviantes é utilizado para compreender os indivíduos que estão fora dos padrões do masculino e feminino. Para mais informações sobre o tema ver CONCEIÇÃO; CALIXTO, 2017.

O projeto de pesquisa apresenta o esboço de 2 capítulos estruturados a partir dos subtítulos da fundamentação teórica, descritos a seguir: capítulo I aborda as questões relativas aos estereótipos de gêneros, direcionado ao campo da educação com o objetivo de discutir as normas e os padrões relacionados a cada um dos gêneros desde a Educação Infantil ao Fundamental I. No subtítulo projetado como capítulo II, “Homofobia e educação” abordaremos a homofobia com o objetivo de apontar e denunciar casos, estruturas e normas impostas aos corpos dentro do ambiente escolar que são excludentes e violentas, impedindo que os corpos prossigam em sua trajetória escolar. Já no esqueleto do capítulo II, Teoria queer e prática docente, trataremos sobre teoria queer e práticas docente com objetivo de analisar as ações dos professores que corrobora com a opressão dos gêneros.

1. Problematização

Diante do que foi apresentado até aqui, alguns questionamentos ajudam na reflexão que pretendemos levar a diante nesta pesquisa:

- Apesar das novas políticas educacionais, como a escola se posiciona e age diante dos corpos que rompem com os padrões heteronormativos?
- Existem projetos pedagógico dentro da escola que reivindicam a inclusão de corpos tidos como desviantes?
- Quais os caminhos percorridos e as possibilidades de trabalho e desenvolvimento com a temática desta pesquisa?
- Quais fatores podem contribuir para pôr fim à violência direcionadas aos corpos que rompem com os padrões normativos e, assim, constroem uma relação de respeito tanto no meio social quanto dentro dos espaços escolares?

2. Objetivos

Ao lançar mão dos objetivos que compõem a pesquisa científica queremos falar da finalidade ou meta que pretendemos atingir. A pesquisa exige uma dedicação do investigador, por isso traçar os objetivos é fundamental tanto para responder as inquietações quanto na obtenção dos resultados, por isso formulamos os seguintes objetivos:

3.1 Objetivo Geral

- Identificar práticas pedagógicas que corroboram com os estereótipos de gêneros, de modo a excluir os corpos que estão fora dos padrões binários.

3.2 Objetivos Específicos

- Compreender até que ponto os discursos preconceituosos dos professores em sala de aula impactam no comportamento dos discentes;
- Produzir atividades pedagógicas que contemplem as diferentes sexualidades no ambiente escolar;
- Possibilitar a inclusão de novas práticas pedagógicas baseada na teoria queer, a fim de criar um ambiente com respeito à dignidade humana;
- Analisar a estrutura educacional da escola EMEIEF de Maracanaú com intuito de identificar elementos que reforçam os estereótipos dos padrões binários do masculino e feminino dentro do espaço escolar.

3. Hipótese

Tendo a pesquisa identificada todas as práticas pedagógicas que corroboram com os estereótipos de gêneros e observando que a utilização dessas práticas exclui os corpos que estão fora dos padrões heteronormativo, as hipóteses levantadas por esta pesquisa são:

- Apesar dos anos e das novas políticas educacionais a escola continua sendo um espaço de reprodução de estereótipos e violências para os corpos que estão fora dos padrões heteronormativos;
- Aceitação das sexualidades que não se enquadram nos padrões hegemônicos do masculino e do feminino ainda é um desafio que persiste dentro do âmbito escolar;
- A maioria das escolas não possuem projetos que reivindique a inclusão desses corpos tidos desviantes;
- A adoção de prática pedagógica baseada não teoria queer pode contribuir para desconstrução de violência e maior respeito para com as pessoas sem discriminação em relação à sexualidade.

Acreditamos que o campo irá nos ajudar na análise e compreensão dos dados empíricos que mostrarão se as hipóteses levantadas procedem ou não.

4. Justificativa

Lembro-me que passei por inúmeros constrangimentos dentro do espaço escolar, onde fui basicamente excluído não somente por colegas, mas também por funcionários e principalmente pelos docentes, já que eu não seguia determinados comportamentos que eles julgavam correto, a exemplo dos padrões masculinos. Os fatos e as vivências escolares ocorreram quando ainda eu era criança. Aquele ambiente que, até certo momento era formado, apenas por meninos e meninas, passaram a ser constituída por corpos que desviavam dos padrões integralmente, masculinos e/ou femininos; eram corpos que ainda que não tivessem consciência, desafiavam as normas impostas pela sociedade. Uma das normas era colocar de um lado da sala meninos e do outro meninas e os corpos tidos como desviantes. A divisão era percebida nos jogos recreativos no pátio, onde a professora ditava as primeiras instruções, ainda em sala, em que a turma teria que se dividir entre meninos e meninas e, os demais que não se sentiam confortáveis nessas divisões ficavam apenas observando. Além de não seguir determinados comportamentos, tive grandes dificuldades por gostar de brincar com boneca, pois, tratava-se de uma brincadeira que no meio social, em grande medida, pertencia ao gênero feminino e que reforçava preconceitos dentro e fora da escola. Como bem nos assegura a autora que segue:

A separação de meninos e meninas é, então, muitas vezes, estimulada pelas atividades escolares, que dividem grupos de estudo ou que propõem competições. Ela também é provocada, por exemplo, nas brincadeiras que ridicularizam um garoto, chamando-o de "menininha", ou nas perseguições de bandos de meninas por bandos de garotos. Por outro lado, também se constrói na escola uma série de situações que representariam um "cruzamento de fronteiras", ou seja, situações em que as fronteiras ou os limites entre os gêneros são atravessados. É provável que para algumas crianças – aquelas que desejam participar de uma atividade controlada pelo outro gênero – as situações que enfatizam fronteiras limites sejam vividas com muita dificuldade. (LOURO, 1997, p.79).

A autora deixa claro que as divisões entre meninos e meninas dentro do espaço escolar são evidentes nas realizações das atividades pedagógicas, causando, automaticamente, a exclusão de um gênero em detrimento de outros. Algumas crianças acabam tendo dificuldades ao optarem por brincar com objetos que, erroneamente, dizem pertencer ao gênero oposto ao seu sexo biológico, reforçando tais limites que, de certa forma, perpassam o ambiente escolar.

Com base na minha própria vivência, posso dizer que, brincar de boneca não era considerado um problema na minha família, visto que meus pais não se incomodavam com isso,

incentivando a diversidade de brincadeiras. Essa restrição começa a ganhar força a partir do momento em que deixo meu núcleo familiar e adentro os espaços escolares.

Aquele ambiente homofóbico⁴, composto por “brincadeiras” preconceituosas produzidas em sala de aula pelas professoras, tais como: piadas sobre sexualidade, particularmente, sobre os meninos afeminados e que causavam situações de exclusão sobre os corpos e, conseqüentemente um desconforto. Tais piadas fizeram com que, não somente eu perdesse o desejo de retornar à escola, mas, todos os corpos que fugiam desse padrão dominante heteronormativo, tendo em vista que a escola, parece, não ser construída para os corpos que fogem da norma vigente. Assim confirma o trecho abaixo:

Vivemos uma prática heterossexista baseada na identidade, o nosso meio está dividido entre o masculino e o feminino. O homem afeminado, a mulher masculinizada, e todos os que não se conformam frente aos valores fixos que nos são impostos procuram encontrar maneiras de serem aceitos. (NETO, 2015, p.31).

A citação acima mostra que a sociedade organiza os seres humanos a partir do binômio homem/mulher, o que resulta, hoje, em expectativas de comportamento esperando que esse homem e/ou essa mulher ajam a partir do seu sexo biológico. Tanto que, além da sociedade ter a heterossexualidade como norma, os corpos que desviam dela procuram determinadas formas para serem aceitos, tanto dentro da escola como fora dela.

O mais preocupante, contudo, é constatar que a partir de atitudes discriminatórias e negativas com os corpos masculinos e femininos, o ambiente escolar reproduz desigualdades, naturaliza os papéis de gênero⁵, atribuindo determinadas atividades como sendo do homem e/ou da mulher e, que reforçam as barreiras que os separam. Supomos que sobreviver nesse espaço como gay, afeminado e gordo deve ser um desafio diário, que muitos deles e delas não conseguem fugir, portanto, como afirma Guacira (2008), é necessário repensar os modelos normativos vigentes dentro dos espaços escolares. Essa consideração, a princípio deveria ser levada em conta como uma forma de contemplar aqueles que se encontram fora do padrão heteronormativo. Tendo em vista, que não é necessário lançar um olhar a partir das diferenças dentro do campo educacional, Como nos traz o autor:

Infelizmente, quase toda educação e produção de conhecimento ainda é feita em uma perspectiva heterossexista. Quando algo se apresenta como neutro, como “científico”, deve-se desconfiar de que foi feito em uma perspectiva masculina, branca, ocidental, cristã e heterossexual. Um olhar a partir das

⁴ Refere-se ao preconceito e a discriminação em relação à orientação sexual de gays, lésbicas ou bissexuais.

⁵ Papel de gênero refere-se a tarefas que homem e mulher desempenham na sociedade.

diferenças na educação implica tentar perceber os modelos, os padrões: em outras palavras, as normas e as convenções culturais que buscam se impor de forma indireta por meio, por exemplo, do material didático ou das discussões correntes na mídia. (MISKOLCI, 2012, p.44).

Conforme explica o autor acima quase todos os conhecimentos produzidos na área educação é pautada na perspectiva heterossexista, sem considerar a diversidade sexual, o que leva a necessidade de se repensar quando uma instituição se apresenta como parcial e/ou neutra. Através de observações realizadas na escola, local desta investigação, foi possível identificar os sinais de exclusão nas bibliografias e nos livros didáticos utilizados na maioria das escolas.

O presente trabalho justifica-se por entender que a escola tratava e em certa medida, trata de maneira diferenciada os corpos que estavam fora dos padrões heteronormativos. Diante disso, lançamos mão da pesquisa com o intuito de ampliar a discussão sobre a temática no âmbito acadêmico, no desejo de apontar novos caminhos para a prática dos professores e professoras, com vista no respeito aos discentes.

Além das justificativas acima, acrescenta-se que o interesse pela presente pesquisa surgiu dentro da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), em que cursei algumas disciplinas primordiais para o desenvolvimento de algumas ideias. Paralelo ao isso, as experiências e os impactos dessas vivências ainda hoje reverberam em meu ser. Relacionando às vivências das disciplinas e as marcas deixadas pela violência que sofri dentro da EMEIEF Parque Piratininga, uma Escola Municipal de Educação Infantil e Fundamental I fortaleceram e justificam, em grande medida, escolha do tema da pesquisa.

A narrativa sobre a minha vida educacional pode ser um dos muitos casos encontrados das diferentes escolas espalhadas pelo Brasil, senão pelo mundo. Assim é preciso identificar práticas docentes que asseguram as diferentes sexualidades existentes no ambiente escolar. Deste modo, justifico a realização do estudo em questão. Uma vez que se acredita que a realização do estudo poderá ajudar na compreensão da maneira como a escola trata os corpos que se encontram fora dos padrões vigentes de sexualidade.

5. Fundamentação Teórica

Com intuito de levar a cabo a pesquisa que ora apresentamos neste projeto, ao longo dos meses iremos realizar uma revisão de textos, artigos, teses e livros para verificar o ineditismo da pesquisa ou mesmo para adequar as informações encontradas relativas ao tema. Abaixo segue

a fundamentação teórica que ao mesmo tempo sinaliza como um esboço de capítulos, formulados a partir da pesquisa exploratória, observação no locus de nossa pesquisa.

6.1 Estereótipos de Gêneros

O ambiente escolar é marcado por diferentes tipos de situações e comportamentos que reforçam as tarefas e papéis que a sociedade atribui às mulheres e aos homens. Na escola que será *locus* da nossa pesquisa, por meio de observação e pesquisa exploratória, podemos constatar algumas situações marcadas pela divisão social dos gêneros. Tais, como: a divisão de brinquedos, o uso diferenciado dos uniformes, isto, é as meninas usavam short-saia e camiseta e os meninos calça cumprida ou short, havia fila separada para menino e menina, nos jogos recreativos só eram permitidos que os meninos jogassem bola, xadrez e pião; já as meninas podiam brincar de “queimada ou carimba” e elástico. Nas atividades em sala de aula havia separação dos brinquedos. Isto é os brinquedos tidos de meninos ficavam em um canto da sala e os ditos de meninas ficavam no outro canto. Caso uma menina fosse pegar uma bola, esta era repreendida pela professora. O mesmo ocorria com os meninos.

De acordo com SILVA (2016) estereótipos de gênero diz respeito a um conjunto de noções que a sociedade possui a respeito do que seja homem e mulher. Neste contexto, as características atribuídas à mulher são dadas a partir da oposição ao masculino. Todavia, ainda é mais preocupante quando se constata que tais estereótipos de gênero configuram os corpos para agirem e se comportarem de acordo com o sexo biológico.

Durante a gravidez, as expectativas do que é ser menina e menino já existem e são manifestadas. Após o nascimento, essas expectativas vão se configurando em uma educação baseada nas diferenças e desigualdades. As crianças são educadas para desempenhar papéis em conformidade com gênero ao qual pertencem, identificando e reproduzindo as diferenças sociais entre o feminino e o masculino; a educação marcada pelos estereótipos sexuais (REIS; MAIA, 2009, p.140).

A citação acima mostra que a construção dos estereótipos de gênero é criada mesmo antes do nascimento. Ainda durante a gestação, a sociedade deposita expectativas sobre os corpos, onde meninas são cobradas a gostar de rosa, bonecas, brincos e cabelos longos; os meninos com super-heróis, roupinhas azuis e cabelo curto e, que conseqüentemente os corpos tentarão seguir aquilo, de fato esperado para eles.

A sociedade, de certa forma, exerce uma forte pressão social para sejam heterossexuais. Neste caso, quando esse modelo atravessa os muros escolares, torna-se ainda mais perverso,

onde cada um irá aprender o que é ser um menino e/ou uma menina, compreendendo determinadas diferenças existentes entre ambos perpassam por aspectos, tais como: o modo de se vestir, falar e até mesmo de brincar. Além disso, reforça a construção de uma escolarização generificada (DIAS; MENEZES, 2017), onde os corpos crescem presos a essas normas, o que pode gerar grandes dificuldades nas futuras escolhas sexuais. Mas, há um fato que se contrapõe a esse modelo, nessa perspectiva, são os corpos desviantes que preferem brincar com objetos designados ao gênero oposto, frustrando as expectativas dos docentes.

Como foi mencionado acima, a restrição aos brinquedos desde a infância, pode interferir na formação da criança, levando-a acreditar que o homem superior a mulher. Ademais, os corpos femininos são inseridos numa educação pautada na exclusão e violência. É importante considerar que quando o (a) professor (a) propõe aos meninos que joguem futebol e as meninas que joguem vôlei, está a impedir que essas pessoas pensem em outras brincadeiras a serem desenvolvidas ou praticadas pelos mesmos. É pertinente que os indivíduos possuam e vivam suas próprias experiências, isto é, tendo liberdade de escolha para que possam disfrutar de todos os brinquedos e/ou brincadeiras ali presentes.

6.2 Homofobia e Educação

A escola foi criada para ser um espaço acolhedor, tantas vezes substituindo o seio familiar. Entretanto nem sempre foi isso corresponder ao seu propósito. Há grandes relatos de diversas formas de desrespeitos praticados contra as pessoas que estão fora dos padrões vigentes. Assim presenciamos atos racistas contra os negros, contra os que praticam as religiões de matrizes africanas, contra pessoas lésbicas, homossexuais e transexuais. Muitas vezes a escola normatiza e violenta tais pessoas com a intenção de torna-las “normais”.

O desrespeito presenciado e silenciado em grande parte das escolas do Brasil leva a práticas homofóbicas, pois toda vez que se desrespeita alguém para que ela corresponda às expectativas de outrem se cria um espaço para opressão de corpos que se apresentam de forma diversa dos padrões normativos.

Segundo AMORIM (2013), a homofobia é definida como aversão irreprimível, repugnância, ódio, preconceito contra a homossexualidade e/ou pessoas homossexuais. Movida pelo preconceito, ela se apresenta na sociedade de forma violenta aos sujeitos que negam seguir a lógica da heteronormatividade.

A homofobia pode se manifestar até nas pequenas brincadeiras ditas pelos familiares e amigos sobre a sexualidade de seus colegas. Isso também pode ocorrer dentro da escola,

disfarçadas em formas de chacotas, imitações, assobios e apelidos. Importa aqui salientar que muitas vezes, o corpo docente é omissão, quando os alunos violentados vão relatar a sua insatisfação ou mesmo quando o violentado reage à agressão com uma violência corporal, como pude observar diversas vezes nas escolas onde estudei. Sobre esse tema a autora esclarece:

A escola é, sem dúvida, um dos espaços mais difíceis para que alguém “assuma” sua condição de homossexual ou bissexual. Com a suposição de que só pode haver um tipo de desejo sexual e que esse tipo – inato a todos – deve ter como alvo um indivíduo do sexo oposto, a escola nega e ignora a homossexualidade (provavelmente nega porque ignora) e, desta forma, oferece poucas oportunidades para que adolescentes ou adultos assumam, sem culpa ou vergonha, seus desejos. O lugar do conhecimento mantém-se, com relação à sexualidade, o lugar do desconhecimento e da ignorância. (LOURO, 2000, p. 30).

Acerca de tais considerações feitas por LOURO (2000), mostra que a escola tende a ser um local de exclusão, principalmente, para os corpos que desejam viver sua sexualidade contrária a heterossexualidade, onde a mesma desconhecem seus desejos, construindo um ambiente opressivo difícil de permanecer.

Contudo, sabemos que a escola também pode ser um espaço a aprendizados diferenciados, a partir de atitudes respeitadas, com consideração à dignidade humana. Todavia, o respeito a que nos referimos não se limita apenas na inserção nos currículos e grades curriculares de termos como homossexualidade, não-binário e transexualidade. A transformação ou revolução começa quando há a adoção de práticas que levam à reflexão e conseqüentemente caminham na mudança de comportamento, como bem salienta o trecho a seguir:

Mas é importante não "trocar seis por meia dúzia" apenas buscando "incluir" as diferentes expressões da (homos)sexualidade. Podemos fazer mais e melhor questionando o próprio binário hetero-homossexual (ou mesmo a tríade hetero-homo-bi) como um esquema rígido e restrito que jamais abarcou toda a variedade de expressões afetivas e sexuais humanas. Se somos capazes de perceber que as pessoas cada vez menos cabem em binários como homem-mulher, masculino-feminino, hetero-homo, é porque mal começamos a compreender como as pessoas transitam entre esses pólos, ou se situam entre eles de formas complexas, criativas e inesperadas. (MISKOLCI, 2012 p.56).

Como salienta o autor acima mencionado a escola tem que assumir postura concreta na efetivação dos respeitos às diferenças, saindo dos discursos padronizados para se inserir no novo projeto de escola capaz de respeitar todas as pessoas independentes de suas escolhas, sobretudo, as sexuais.

6.3 Teoria Queer e Prática Docente

Atualmente, as instituições escolares recebem uma quantidade de estudantes, e independente de sua localização, a diversidade se faz presente dentro desses espaços, sendo notada, a partir das diferentes de raça, gênero e classe. O novo contexto educativo tem exigido do professor novas formas de pensar a respeito dessas diferenças, pois, desde sempre nota-se a presença dessa diversidade na escola.

A escola permanece em evidência como sendo um local intolerante às diferenças, onde práticas normativas são reproduzidas cotidianamente atuando na expulsão dos corpos desviantes. Como nos assegura Berenice Alves de Melo Bento,

[...] a escola, que se apresenta como uma instituição incapaz de lidar com a diferença e pluralidade, funciona como uma das principais instituições guardiãs das normas de gênero. Para os casos em que as crianças são levadas a deixar a escola por não suportarem o ambiente hostil é limitador falarmos em “evasão”. No entanto, não existem indicadores para medir a homofobia de uma sociedade e, quando se fala na escola, tudo aparece sob o manto invisibilizante da evasão. Na verdade há um desejo em eliminar e excluir aqueles que contaminam o espaço escolar. Há um processo de expulsão e não de evasão. (BENTO, 2008, p. 129).

Cabe destacar que quando a instituição de ensino não leva em conta as diferenças dos corpos, ela acaba sendo provedora das normas de gênero, sendo preciso que os docentes entendam e produzam suas atividades, de forma a contemplar esses corpos que desviam das normas sociais.

A Teoria *Queer* é um estudo com grandes relevâncias que vem questionando binarismos e categorias impostas pela sociedade. Como bem nos assegura SOUZA (2008) à teoria *queer* atua contra a classificação e categorização sexual com intuito de diminuir as desigualdades presentes sobre as identidades sexuais no meio social.

Muitos consideram que a sexualidade é algo que todos nós, mulheres e homens, possuímos naturalmente. Aceitando essa ideia, fica sem sentido argumentar a respeito de sua dimensão social e política ou a respeito de seu caráter construído. A sexualidade seria algo "dado" pela natureza, inerente ao ser humano. Tal concepção usualmente se ancora no corpo e na suposição de que todos vivemos nossos corpos, universalmente, da mesma forma. (LOURO, 2000, p. 6).

Nesta mesma perspectiva, NAMASTE [1996] *apud* SOUZA (2016) afirma que a perspectiva *queer* além de preterir qualquer tipo de rotulação e normalização, exerce a função

de satisfazer necessidades não somente para grupos específicos que se opõem ao padrão normativo como também para todas as possibilidades de sexualidade existentes em meio à sociedade.

Mediante o exposto, a perspectiva queer pode-se apresentar no campo da educação como a principal responsável pela reivindicação e inclusão desses corpos, a ponto de questionar e desafiar práticas docentes, gerando menores conflitos internos e promovendo um espaço sem etiquetas em que os demais se respeitem pela condição humana.

6. Metodologia

Esse projeto tem por finalidade realizar uma pesquisa de bibliográfica e de campo, uma vez que utilizará conhecimento outras pesquisas para desenvolver o projeto. O método a ser utilizado é o qualitativo, que se insere no campo das ciências sociais, sendo usado por pesquisadores das diversas áreas, portanto, esse método será primordial para fazermos a nossa pesquisa. Segundo explica MINAYO (2010),

[...] É o que se aplica ao estudo da história, das relações, das representações, das crenças, das percepções e das opiniões, produtos das interpretações que os humanos fazem a respeito de como vivem, constroem seus artefatos e a si mesmos, sentem e pensam. (MINAYO, 2010, p. 57).

A autora acima chama atenção para a importância do método qualitativo, tendo em vista que sua abordagem contemplará melhor os objetivos e um melhor parecer desta pesquisa. Identificou-se a pesquisa bibliográfica, onde serão ampliados e aprofundados os estudos a partir de obras teóricas, como: livros, artigos e teses relacionados com o determinado assunto, e de campo que inclui as observações prévias realizadas na escola provocando-a para a aplicação da teoria *queer* nas práticas pedagógicas e correlacionando os conhecimentos adquiridos com abordagens já trabalhadas pelos autores apresentados na introdução do projeto.

Na pesquisa bibliográfica será dada continuidade a pesquisa iniciada para a formulação do presente projeto. Iremos ampliar e aprofundar a identificação e estudo de obras teóricas em livros, artigos e teses relacionados com o assunto.

Esta escolha se justifica porque o método adotado possui uma gama de técnicas, fazendo preferência ao uso do grupo focal para melhor coleta de dados, buscando com isso aprofundar determinadas questões a respeito de gênero e sexualidade que compõem o campo estudado, tendo contato com os docentes e a realidade dos fatos onde eles acontecem, dessa forma,

percebendo a maneira como a escola tratam esses corpos que se encontram fora dos padrões heteronormativos e binário.

De acordo com OLSEN (2015), Grupo Focal é uma técnica que serve e/ou de grande necessidade para coleta de dados, que se baseia na troca de relatos sobre determinado assunto de forma grupal, permitindo um fortalecimento de estudos pertencentes a outros métodos, como por exemplo: as pesquisas de levantamento e entrevistas (OLSEN, 2015, p. 85).

A técnica utilizada tem caráter informativo que auxilia na compreensão de determinados assuntos, facilitando meios que lhes permitam aprofundar os tópicos postos em conversa, fazendo da pesquisa um processo construtivo. A este respeito, apoiamo-nos no que afirma Minayo (2010, p.261):

[...] É acima de tudo uma conversa a dois, ou entre vários interlocutores, realizada por iniciativa do entrevistador, destinada a construir informações pertinentes para um objeto de pesquisa, e abordagem pelo entrevistador, de temas igualmente pertinentes tendo em vista este objetivo (MINAYO, 2010, p. 261).

A partir destas considerações iniciais acerca do método escolhido, a seguir iremos apresentar o local de estudo, os participantes da pesquisa e os critérios que serão levados em conta.

7.1 Local da Pesquisa

A pesquisa será realizada na Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental I Parque Piratininga (Escola Pública Municipal), situada no bairro Parque Piratininga, localizada no município de Maracanaú-CE. A coleta de informações será realizada durante o grupo focal com os professores (as) selecionados, construindo os dados a partir de seus relatos, experiências, necessidades e observações com os outros membros no decorrer da atividade. Embora o cronograma possa sofrer alterações, essa proposta inicial deve ser viável, projetando o caminho a ser percorrido durante a pesquisa.

Em primeiro momento, é fundamental apresentar o projeto a instituição de ensino e solicitar a autorização para a pesquisa. Em seguida realizar o planejamento das idas a campo, respeitando o tempo e orientação dos docentes, buscando ao máximo responder nossas indagações dentro da margem posta pela instituição escolar.

7.2 Participantes e Critérios

Para realizar a pesquisa, é necessário antes definir os participantes. A pesquisa será realizada com 06 professores (as) homens e mulheres do Ensino Fundamental I (1º ao 5º ano) da Rede Pública Municipal de Ensino. Para participar da pesquisa é necessário que os docentes trabalhem na escola, ter mais de 18 anos, ser de qualquer área do ensino e aceitar participar. Para viabilizar a realização da pesquisa, deveremos: entrar em contato e solicitar uma autorização aos responsáveis pela instituição onde pretende realizar a coleta de dados, combinar com os responsáveis pela instituição, dia(s), horário(s) e forma de realização da pesquisa, que será grupo focal, a ser aplicada pessoalmente junto a todos os indivíduos que participarão do grupo.

7. Cronograma

O cronograma da pesquisa foi pensado para ser realizado em um período de cinco meses, e será combinado com a instituição de ensino EMEIEF Parque Piratininga em Maracanaú – CE.

Calendário das atividades	Período (2020)				
	Maio	Junho	Julho	Agosto	Setembro
Revisão bibliográfica	X	X	X	X	
Fichamentos das bibliografias		X	X	X	
Trabalho de Campo		X	X		
Análise e discussão teórica		X	X	X	
Escrita da monografia	X	X	X	X	
Revisão da redação				X	X
Apresentação dos resultados ou defesa pública					X

8. Considerações Parciais

O objetivo deste projeto foi projetar a perspectiva de realização de um estudo sobre as práticas pedagógicas na Escola EMEIEF Parque Piratininga - localizada na Cidade de Maracanaú – CE, utilizando a teoria *queer* como suporte teórico para pensar os contextos de gêneros e sexualidades dentro das escolas que, segundo alguns estudos, têm um grande potencial para ser referência no desenvolvimento de uma educação emancipadora.

O primeiro passo do trabalho foi delimitar onde a pesquisa seria realizada, cenário principal das vivências para a construção da pesquisa, em seguida, um conjunto de quatro objetivos foram formulados e estudados isoladamente voltado para a solução do problema. Paralelamente, para fundamentar teoricamente e embasar nosso pensamento sobre a temática foram escolhidos três autores (as): Guacira Lopes Louro (1997; 2000; 2008), Richard Miskolci (2009; 2012) e Berenice Alves de Melo Bento (2008), dialogando com alguns artigos relacionados à temática. O trabalho buscou também apresentar o conceito de teoria *queer*.

Dentre as várias opções existentes foram escolhidos três seções, sobre os quais os estudos foram aprofundados. Uma delas trata dos estereótipos de gênero que acaba prejudicando todos os corpos que frequentam a escola e, não apenas os que desviam dos padrões normativos, pois eles acabam dividindo em mulheres e homens, limitando suas trajetórias, principalmente dos meninos, na qual a escola impõe que eles evitem sentimentos considerados femininos. Em seguida, é relatada a homofobia que se faz presente no contexto escolar e que causam exclusões, refletindo sobre os efeitos e/ou resultados desses padrões sociais, quando são reproduzidos dentro das escolas e nas diversas atividades. A última seção é abordada as práticas produzidas pelos docentes que, em certa medida, reproduzem modelos de comportamento.

Por fim, o projeto foi pensado com a finalidade de investigar como a escola se posiciona e age diante das diversidades presentes em seu espaço e como vem tratando os corpos que rompem com os padrões heteronormativos. A partir dos dados do campo e da bibliografia estudada, iremos abordar fatores que podem contribuir para pôr fim à violência aos corpos que rompem com os padrões normativos e, assim, construir uma relação de respeito tanto no meio social, como dentro dos espaços escolares.

Os resultados desses estudos darão origem a dois capítulos como mencionado no início do projeto.

9. Referências Bibliográficas

- AMORIM, Anna Carolina H. Eu sou: Homofobia. In: GARCIA, Olga Regina Zigelli; GROSSI, Miriam Pillar (org.). Fuxico: Uma maneira lúdica de contribuir para o aprendizado das questões de gênero, sexualidades e raça/etnia. Santa Catarina: Editora Copiart, 2013, p. 109- 125.
- BENTO, Berenice A. M. O que é transexualidade. São Paulo: Brasiliense, 2008.
- CONCEIÇÃO, Joalice S.; CALIXTO, Davison J. Corpos e mentes discentes: prática educacional, sexualidades e crença religiosa. In: Conferência Internacional de Estudos Queer - CONQUER .São Cristóvão: UFSE, 2018, pp. 1-12.
- DIAS, Alfrancio F.; MENEZES, Carlos A. A. Que inovação pedagógica a pedagogia queer propõe ao currículo escolar: In: Revista Tempos e Espaços em Educação. São Cristóvão: UFSE, v. 10, n. 23, p. 37-48, set./dez. 2017.
- LOURO, Guacira L. Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e a teoria Queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- _____. O Corpo Educado: pedagogias da sexualidade. 2ª. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- _____. Gênero, Sexualidade e Educação: Uma perspectiva pós-estruturalista. In: A construção escolar das diferenças. Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes, 1997, Pp.57-87.
- MINAYO, Maria Cecília de S.. O desafio do conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde. (12ª edição). São Paulo: Hucitec-Abrasco, 2010.
- MISKOLCI, Richard. Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças. Ed. Autêntica, Belo Horizonte, 2012.
- _____. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. Sociologias, Porto Alegre, ano 11, nº 21, jan./jun. 2009, Pp. 150-182.
- NETO, João N. Questões de identidade(s) de gênero(s) e orientação sexual: uma abordagem através da Pedagogia Queer. Revista Espaço Acadêmico, 2015, Pp. 27-34.
- OLSEN, Wendy. Coleta de dados: debates e métodos fundamentais em pesquisa social. Porto Alegre: Penso, 2015.
- REIS, Kellen C. F.; MAIA, Ana Cl. B. Estereótipos sexuais e a educação sexista no discurso de mães. In: VALLE, TMG (org.). Aprendizagem e desenvolvimento humano: avaliações e intervenções. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. 222 p. São Paulo: Cultura acadêmica, 2009, p. 138-154. ISBN 978-85-98605-99-9. *E-book*.

SILVA, Juliane C. Colóquio Internacional, X, 2016, São Cristóvão. Anais [...]. Sergipe: Educonse, UFSE. Tema: Estudos Homossexuais: Dialógica Dos Estudos de Gênero e da Teoria Queer, 2016.

SOUZA, Alberto C. B.de. Mas afinal o que é teoria Queer? In: Souza, Alberto Carneiro Barbosa de. Se ele é artilheiro, eu também quero sair do banco: um estudo sobre a co-parentalidade homossexual. Orientadora: Terezinha Feres Carneiro. 2008. Tese (Mestre Em Psicologia) - PUC-Rio, Rio De Janeiro, 2008. F. 71.